



Representações cotidianas: um desenvolvimento da teoria da consciência de Marx e Engels

Hugo Leonnardo Cassimiro¹

VIANA, Nildo. *Senso comum, representações sociais e representações cotidianas*. Bauru, SP: Edusc, 2008. 160 p.

Recentemente admitido como professor da Universidade Federal de Goiás (UFG), Faculdade de Ciências Sociais, Nildo Viana é mestre em filosofia e sociologia, doutor em sociologia pela UnB e possui pós-doutorado em Psicologia da Educação, pela PUC-SP. Entre suas publicações mais recentes, figuram *Universo psíquico e reprodução do capital*: ensaios freudo-marxistas, *Os valores na sociedade moderna*, *O fim do marxismo* e *A esfera artística*. Entre suas reedições, temos *A consciência da história*: ensaios sobre o materialismo histórico-dialético e *Escritos metodológicos de Marx*.

Assim como nesses textos a questão da consciência para o materialismo histórico-dialético perpassa a discussão em *Senso comum, representações sociais e representações cotidianas*, a célebre frase de *A Ideologia Alemã*, “a consciência não pode jamais ser outra coisa do que o ser consciente, e o ser dos homens é o seu processo de vida real” (MARX; ENGELS, 2007, p. 94), encontra importante desenvolvimento na teoria das representações cotidianas elaborada por Nildo Viana.

1. Graduado em História pela Universidade Católica de Goiás, no momento de envio da resenha em agosto de 2009. E-mail: hugo.leonnardo@ymail.com

Organizada em três capítulos, a obra em questão revisa a noção de senso comum, a abordagem das representações sociais de Moscovici e apresenta a teoria das representações cotidianas.

A academia debruça-se sobre a cultura e o cotidiano no afã de lhes compreender. Abordagens que vão do positivismo clássico, passando por concepções existencialistas, funcionalistas, fenomenológicas ou estruturalistas se empenham na cunhagem de categorias de análise e/ou modelos de explicação de tal fenômeno. E a obra de Nildo Viana liga-se a esse movimento, ao propor um olhar para essa problemática, referenciado no materialismo histórico-dialético. Seu foco é a questão da consciência no cotidiano: as representações. Para o autor, “Marx, ao tratar das representações, ilusórias ou reais, bem como ao colocar a questão das ‘concepções cotidianas’, abriu caminho para a elaboração de uma teoria das representações cotidianas” (2008, p. 8).

A separação entre conhecimento vulgar e o pensamento científico é apontada no primeiro capítulo como necessidade histórica para o cunho do termo *senso comum*. Como em toda a extensão do texto, o autor oferece a explicação dessa necessidade ligando-a à totalidade das relações sociais existentes na época, o que implica as relações de classe. Assim, a divisão social do trabalho entre intelectual e manual, com a hierarquização em que o primeiro possui mais valor, é o fundamento dessa necessidade.

Ao indicar a tentativa de conciliação entre senso comum e ciência, a partir da fenomenologia e existencialismo, possibilidade colocada diante do momento em que a cultura socialista e a estabilidade do capitalismo mudaram a percepção desses termos, conclui-se que esse projeto é inacabado, uma vez que “para Comte, Durkheim, Bachelard e outros, o senso comum é um bloco monolítico, falso e, por isso, deve ser superado pelo saber científico”. E “para Husserl, Schutz e outros (que tentam tal reconciliação), o senso comum é um bloco monolítico verdadeiro” (2008, p. 30). O que expressa a contradição entre ambas as perspectivas.





Já no segundo capítulo, a partir da afirmativa de Moscovici sobre sua inspiração na noção de representações coletivas de Durkheim, Viana nos apresenta tal concepção e ressalta que Durkheim baseia essa noção em seu estudo sobre a religião. Em seguida, apresenta a abordagem das representações sociais elaborada por Moscovici. Aqui, Viana coloca a diferença entre representações sociais como fenômeno, a existência de uma categoria analítica e de uma teoria sobre as representações sociais. E passa a demonstrar o que seria esse fenômeno para Moscovici.

Alguns limites dessa abordagem são apontados pelo autor. Entre eles a falta de sistematicidade dessa abordagem. O próprio termo, por não expressar a especificidade do fenômeno, o isolamento em relação à totalidade, a confusão entre existência e veracidade e o seu caráter descritivo/não-explicativo.

Ao desenvolver a teoria das representações cotidianas no terceiro e último capítulo de seu livro, Viana esclarece que parte da contribuição original de Marx sobre o saber cotidiano e os aprofundamentos significativos feitos a ela. Assim, após frisar o desenvolvimento da teoria de Marx e Engels e seu vínculo com o movimento de emancipação operária, retoma a teoria da consciência produzida por esses autores para desenvolver a teoria das representações cotidianas.

Para Marx e Engels, a consciência não pode ser outra coisa senão o ser consciente. Por conseguinte, não há espaço, nessa concepção, para se pensar a consciência como algo autônomo. A consciência não é separável do ser humano que a desenvolve e este não é um indivíduo isolado e, sim, um ser social. Por conseguinte, as representações que os indivíduos elaboram são representações sobre suas relações com os outros indivíduos ou com o meio ambiente. (VIANA, 2008, p. 83)

Disso, se segue a discussão da relação entre consciência e realidade. Entre as contribuições a essa teoria, indica a de Reich, na qual existem formas embrionárias de consciência revolucionária, e a de Gramsci, para o qual há a ideia de consciência contraditória. A partir disso, Nildo Viana afirma que as representações cotidianas podem ser reais, ilusórias e contraditórias.

Quanto à antiga consideração de que o marxismo desconsidera a consciência, entendendo-a como um mero reflexo da realidade, o autor a refuta e demonstra que ela possui, na concepção de Marx e alguns de seus seguidores, um caráter ativo e passivo. Quanto ao aspecto ativo recorre a Sorel, Gramsci, Bloch, Korsch e Bertrand. Quanto ao caráter passivo, retoma a discussão do fetiche da mercadoria e a consciência coisificada. Segundo o autor, “essa forma de consciência apresenta o predomínio da acomodação sobre a assimilação e se caracteriza por ser receptiva e tomar as relações sociais como coisas, ou seja, de forma reificada” (2008, p. 101).

Em outro ponto alto do trabalho, Viana recupera o sentido de totalidade do real ao demonstrar que, para Marx, modo de produção não se restringe a relações “econômicas”, mas engloba um conjunto de relações sociais, sendo um modo de vida em determinada sociedade. Sendo que, “o modo de vida constitui a cotidianidade dos indivíduos e, por conseguinte, fonte de suas representações” (2008, p. 105).

Nesse ponto adentra a questão própria das representações cotidianas, esclarecendo que o cotidiano tem como elementos a naturalização, regularidade e simplificação e possui estreita relação com a sociabilidade. Nesse sentido, demonstra a relação entre divisão social do trabalho, consciência de classe e representações cotidianas.

Por fim, aborda os aspectos formais dessas representações, quais sejam: a manifestação da tendência à redução da dissonância, a diferença na concepção dos componentes em relação a Moscovici e Abric e à distinção entre convicções e opiniões, tal como Fromm e Maccoby colocam.

A leitura dessa obra não se restringe à pesquisa acadêmica. Numa linguagem clara, o autor apresenta a complexidade teórica de sua concepção das representações cotidianas sem prejuízos quanto ao rigor em seu trabalho. Tanto nas “ciências humanas” quanto na perspectiva de aprofundamento das questões acerca do popular, essa reflexão apresenta contribuições.





Ao relacionar representações cotidianas e consciência de classe, Viana supera um problema implícito nas pesquisas e abordagens do “saber popular” cotidiano. Ao definir representações cotidianas como formas de consciência simples que podem ser contraditórias, ilusórias ou reais, e separá-la da consciência de classe, que se refere à consciência de uma determinada classe produzida pela divisão social do trabalho, supera a confusão entre ambas expressa no termo popular, uma vez que a consciência de classe é uma manifestação das representações cotidianas, entretanto, ligada à classe social, possuindo, assim, especificidades derivadas da situação de classe.

Assim pode-se afirmar que *Senso comum, representações sociais e representações cotidianas* insere-se no conjunto da obra desse autor e de autores que têm desenvolvido a teoria original de Marx e Engels, exposta em *A Ideologia Alemã*, de forma a aprofundar a questão da consciência na totalidade do modo de vida, não como um mero reflexo de questões econômicas, e sim em estreita relação com o modo de produção e reprodução da vida, as formas de regularização e a sociabilidade.

Referências

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã*: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stiner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2007. 615 p.

VIANA, Nildo. *Senso comum, representações sociais e representações cotidianas*. Bauru, SP: Edusc, 2008. 160 p.